

Apontamentos epistemológico-críticos sobre a Daseinsanálise Binswangeriana

Epistemological-critical notations about the Binswangerian Daseinsanalysis

Ícaro Miguel Ibiapina Machado¹

Resumo

Dada a pouca presença do pensamento binswangeriano no Brasil e, mais especificamente de sua epistemologia, justifica-se a importância deste trabalho, cujo objetivo é abordar, criticamente, três aspectos epistemológicos fundamentais para o entendimento de tal esboço de ciência. Em primeiro lugar, versaremos sobre a filiação de Binswanger com o Método Fenomenológico como um todo e sua possível aplicação na Psicopatologia. Depois, discutiremos a importante distinção entre Daseinsanálise e Analítica do Dasein, mostrando convergências e divergências do nosso psicopatólogo com o pensamento heideggeriano. Por último, mostraremos de onde parte a concepção de normal e patológico, segundo o autor. Concluímos que, apesar de existirem alguns problemas de ordem epistemológica, Binswanger acerta em alguns aspectos e é, sim, um autor válido para trabalhar-se em Psicopatologia, pelo viés fenomenológico.

Palavras-chave: Psicopatologia; Epistemologia; Fenomenologia; Daseinsanálise

Abstract

Given the little presence of the binswangerian thought in Brazil and, more specifically, about his epistemology, one justifies the importance of this paper. Thus, it aims to critically approach three fundamental epistemological aspects for understanding such sketch of science. In first place, one will present the affiliation of Binswanger with the Phenomenological Method as a whole and its possible application on Psychopathology. After, one will discuss the important distinction between Daseinsanalysis and the Analitics of the Dasein, showing convergences and divergences of our psychopathologist's thought from the heiggederian one. At last, one will show from where departs the conception of normal and pathological, according to the author. One will finish concluding that, although there are some epistemological problems, Binswanger is right in some other aspects and is indeed a valid author for working on Psychopathology through the phenomenological bias.

Keywords: Psychopathology; Epistemology; Phenomenology; Daseinsanalysis

¹ Curso de Psicologia, Universidade Federal do Ceará – UFC – Fortaleza (CE), Brasil.

E-mail: icaro_machado@live.com

Recebido em: 6/7/2015

Aceito em: 1/9/2015

Introdução

A Daseinsanálise Binswangeriana¹ propõe-se a ser um método de investigação do Dasein fático doente, com vistas a obter um conhecimento de sua essência antropológica. Neste sentido, Binswanger ofereceu uma notável alternativa, eminentemente diferente da psiquiatria clássica, em relação ao modo como deveríamos enxergar o “doente mental”. Para tal, Binswanger criou uma epistemologia própria (apesar do solo fenomenológico).

Nosso objetivo, portanto, neste breve trabalho, é levantar alguns determinantes epistemológicos sobre a Daseinsanálise binswangeriana. Assim, tomamos a liberdade de apresentar três temas, a saber: a ideia de fenomenologia de Binswanger, a distinção entre Daseinsanálise e Analítica do Dasein e a concepção de patologia, que, juntos (apesar de aparente independência), podem oferecer direcionamentos importantes para a compreensão das bases filosóficas do esboço de ciência feito por Binswanger. Justifica-se a importância de tal esforço, principalmente, pela parca presença de Binswanger nos espaços acadêmicos brasileiros² e os estudos sobre sua epistemologia, ainda mais escassos³.

Neste trabalho, também nos sentimos livres para fazer alguns comentários críticos sobre alguns temas epistemológicos (principalmente quando percebemos que Binswanger cometeu equívocos ao se utilizar das filosofias de Husserl e de Heidegger). Nosso objetivo, ao fazê-lo, não é de contribuir ainda mais para o esvaecimento de seu pensamento em nossas terras, pelo contrário: as críticas devem servir para que futuras pesquisas alterem o que for necessário, a fim de que se possa construir uma psicopatologia fenomenológica cada vez mais sólida, epistemologicamente.

Binswanger como fenomenólogo

Neste tópico, abordaremos o modo como o método fenomenológico é fundamento epistemológico para a fase inicial⁴ do pensamento de Binswanger. É

¹ Termo que utilizaremos para nos referirmos ao aporte teórico de Binswanger, em contraste a outro uso que o termo possa adquirir em obras de outros autores, como Heidegger e Boss.

² Para que se tenha noção, só existem dois livros de Binswanger publicados no Brasil, sendo um deles publicado pela última vez em 1977.

³ Dentre estes, é importante que se cite o trabalho de Pita e Moreira (2013) “As fases do pensamento fenomenológico de Ludwig Binswanger”.

⁴ Levamos aqui em consideração a divisão traçada por Pita e Moreira (2013) que, basicamente, indica três momentos distintos da obra de Binswanger. Esta fase inicial, segundo as autoras, é aquela em que o psiquiatra suíço inicia a inserção da Fenomenologia na Psicopatologia, no sentido de uma Antropologia Filosófica.

importante mencionar que a apropriação do método fenomenológico ocorreu de modo heterogêneo durante o devir teórico do autor. Na sua fase tardia⁵, Binswanger tem uma visão sobre o método fenomenológico deveras diferente da fase inicial, que trataremos aqui.

Para tal, contudo, preferimos descrever a maneira pela qual Binswanger compreende tal método e como seria a sua aplicação na Psicopatologia. Pensamos que seria mais autêntico abordar a epistemologia de Binswanger a partir de, puramente, seus escritos sobre fenomenologia, principalmente por que, tanto consideramos que Binswanger, em sua fase inicial, apesar da leitura em Husserl, não obteve uma compreensão da Fenomenologia exatamente como este autor postulou, quanto acreditamos que deixa de enfatizar aspectos da teoria que, certamente, Husserl colocaria. Utilizaremos, para tanto, principalmente, o valioso artigo de Binswanger, (1922/1999c) “*Über Phänomenologie*” (“Sobre a Fenomenologia”).

Visão geral do primeiro Binswanger sobre o Método Fenomenológico

A primeira consideração que precisamos fazer sobre a “fenomenologia binswangeriana” é a respeito da atitude que seu pesquisador precisa dispor e que é, radicalmente, diferente daquela do cientista natural. A pesquisa natural, para diferenciarmos, posteriormente, da fenomenológica de Binswanger (1922/1999c), começa pela *percepção sensível* (*Sinneswahrnehmung*), seja ela interna ou externa, de objetos e processos reais (físicos ou psíquicos). Depois, o pesquisador deve realizar um processo de decomposição, subdividindo os conceitos que extraiu em particularidades.

A pesquisa fenomenológica binswangeriana, ao invés de trabalhar com a percepção sensível, lançaria mão da percepção categorial (*kategoriale Wahrnehmung*) da *essência* (*Wesen*)⁶, em um conhecimento *puramente descritivo*⁷. Essa essência seria alcançada por meio de uma consciência pura, livre de qualquer elaboração teórica⁸.

⁵ Em que, segundo Pita e Moreira (2013), ocorreu uma reaproximação com o pensamento husserliano, principalmente devido ao intermédio de Wilhelm Szilasi.

⁶ Ou *eidós*.

⁷ Característica epistemológica importante. Binswanger nega para a sua Daseinsanálise o estatuto de conhecimento explicativo. Contudo, parece vacilar, em alguns momentos, em relação a essa tomada de posição. Um exemplo que podemos elencar é o caso Suzanne Urban, em que Binswanger (1953/1988, p.73, tradução nossa, grifo nosso) afirma que “Para compreender o delírio nós não devemos retornar nem a uma perturbação do julgamento no sentido, por exemplo, de um erro, nem a uma alteração da percepção sensorial, de um erro alucinatório. Ambas são *consequências* imediatas da perturbação da estrutura do ser no mundo, tomado como um todo, no sentido do ser-no-mundo delirante”.

⁸ Neste ponto, Binswanger demonstra, apesar de o termo não aparecer no texto, uma compreensão do que seria a *epoché*, em Husserl.

Deste modo, o modelo natural e o fenomenológico teriam, como semelhança, somente o fato de trabalharem com coisas reais. Porém, um se edificaria sob a percepção sensível de fatos da natureza, enquanto o outro forneceria um conhecimento conceitual eidético (Binswanger, 1922/1999c).

Neste ponto, julgamos oportuno fazer um apontamento sobre o distanciamento entre a Fenomenologia (mais especificamente, a husserliana) e o entendimento de Binswanger sobre ela. Para Husserl (1901/1996), por percepção sensível (ou percepção simples) entende-se aquela em que o objeto é imediatamente dado por um *único ato* (mesmo que esse ato seja a fusão de vários outros atos), sem que haja atos fundados ou fundantes. A percepção categorial opera de maneira distinta, diz respeito a *relações* de partes entre si ou de partes com o todo (fundadas⁹ *a partir* do dado da percepção simples). O objeto é dado, aqui, como “objeto membro”.

É certo que Binswanger está de acordo com Husserl quando postula que o conhecimento natural *se funda* na percepção sensível. Husserl (1913/2006, pp. 94-95, grifo do autor), afirma que “Para chegar à clareza sobre isso, investiguemos a fonte última de que se nutre a tese geral sobre o mundo que estabelecemos na orientação natural, a qual possibilita que eu encontre, na forma de consciência, um mundo material existente diante de mim, que eu me atribua um corpo neste mundo e que eu me insira. Essa fonte última é, manifestadamente, a *experiência sensível*”.

Contudo, a mesma concordância não acontece quando os autores postulam sobre a percepção categorial. Em nenhum momento, Husserl afirma que a atitude fenomenológica perpassa por uma percepção desse tipo, muito menos a relaciona a uma visão intuitiva de essências. Esse conceito é usado para designar os citados atos de relações de partes e todos.

Aplicação do método fenomenológico na Psicopatologia

Binswanger (1922/1999c), de início, nos informa a respeito da necessidade da Psicopatologia ter um esclarecimento puramente fenomenológico de seus conceitos fundamentais e do seu modo de pesquisa. Assim, o autor nos fornece algumas orientações de como um psicopatólogo de orientação fenomenológica deve proceder, em contraste com um tradicional.

⁹ Daí serem chamados, por Husserl, de *atos fundados*.

Em primeiro lugar, o psicopatólogo clássico ao verificar um fenômeno psicopatológico (como uma alucinação, por exemplo) descreve-o utilizando uma palavra ou seu significado. Depois elabora, a partir daí, conceitos que lhe servirão como base para a formação de novas conclusões para estabelecer novas teorias, por meio das quais o sintoma poderá ser *explicado* (Binswanger, 1922/1999c).

O procedimento fenomenológico seria de outra ordem. Deve-se, em primeiro lugar, considerar a experiência como o único dado inicial, *familiarizando-se* com ela. Depois, é preciso investigar unidades de momentos significativos, que se determinam em um jogo interno. Assim, observa-se a relação dos momentos significativos de um dado fenômeno, buscando signos distintivos imanentes a tal experiência psicopatológica vivida. Com isso, tornamo-nos capazes de explorar a série fatural (*faktisch*) dos conteúdos da experiência vivida do *indivíduo* (Binswanger adverte-nos, veementemente, da importância de não se perder o *fundo pessoal* daquele que investigamos), que se desenvolve na sua história interior de vida¹⁰ (Binswanger, 1955/1999a).

Como segundo momento do método, o pesquisador deve, a partir da compreensão dos conteúdos particulares da experiência vivida, *intuir* suas relações como seus elementos constitutivos essenciais, sua pura *essência*. Somente dessa forma é possível entender uma “doença mental” em sua totalidade. A Fenomenologia, assim, operaria como uma fixadora das intenções essenciais, para trabalhá-las *cientificamente*.

Esta característica permite, segundo Beauchesne (1986/1989), uma tomada de posição epistemológica muito importante: a *generalização* do conhecimento mediante *estudos de caso*. A pesquisa *daseinsanalítica* deve, ao contrário do conhecimento das ciências da natureza tradicionais, partir do particular para o geral. Segundo Binswanger (1956/1977, p.80), “Na apreensão fenomenológica da essência, o que importa – ao contrário do que ocorre na ciência natural – não é um acúmulo tão grande quanto possível de exemplos ou fatos, mas a apresentação ou rememoração “exemplar” de fatos humanamente *singulares* e a apreensão e fixação das “essências puras” sobre semelhante “base”, ou ponto de partida, exemplar”.

¹⁰A díade conceitual história exterior de vida (*äussere Lebensgeschichte*) e história interior de vida (*innere Lebensgeschichte*) é de muita valia para o entendimento da metodologia binswangeriana. Aquela diz respeito ao contexto biológico e psicológico de um *organismo*, ou seja, aquilo que o *determina*, de alguma forma. Contudo, esse mesmo sujeito (outroa abordado como organismo) pode ser abordado de outro modo. Através da história interior de vida, considera-se o indivíduo como pessoa individual, em relação espiritual com seus conteúdos vividos. Aqui é privilegiado, sobretudo, o poder de se tomar os rumos da sua própria vida, através da *decisão* (Binswanger, 1924/1999b).

Desse modo, o papel de um Dasein factual “enfermo” pode ser muito mais importante do que se imagina: ele pode atuar como um *fundamento exemplar*. Em outras palavras, a essência que se “extrai”, a partir dele, será válida em outros casos semelhantes.

Daseinsanálise e analítica do Dasein

Uma distinção muito importante para compreendermos a epistemologia binswangeriana é aquela que diz respeito à Daseinsanálise (*Daseinsanalyse*), por um lado, e à analítica do Dasein (*Daseinsanalytik*), por outro. O aprofundamento sobre essas duas áreas e as relações entre elas nos ajudará a entender qual é a compreensão que Binswanger tem da filosofia Heideggeriana (e os seus *fins*) e qual seria a participação que a filosofia do alemão teria sobre a Daseinsanálise do suíço.

Binswanger (1970, p.86, tradução nossa) entende a analítica do Dasein como uma “clarificação filosófico-fenomenológico da estrutura apriorística ou transcendental do Dasein como ser-no-mundo (*In-der-Welt-sein*), feita por Martin Heidegger”. O psiquiatra também compreende que o filósofo só intenta tal analítica *ontológica* com outro fim: *elucidar a questão do sentido do ser*. Em suma, podemos entender que o médico reconhece que a analítica do Dasein é uma *ontologia* fenomenológica da existência, com a finalidade de se obter uma ontologia fundamental (aquela que explicitaria a questão do ser em geral).

Acreditamos que, até aqui, o médico encontra-se pisando em solo epistemológico firme. No *Sein und Zeit*, Heidegger (1927/1998) postula a necessidade da repetição da antiga questão sobre o Ser. Para o autor, ao longo da história da filosofia, essa questão ainda não foi respondida propriamente, sobretudo, porque ela não foi colocada de maneira adequada. Segundo o autor, a questão do ser só pode ser perguntada a partir da interrogação de apenas um ente, o Dasein. Heidegger defende, então, que há o *primado* do Dasein sobre outros entes. Para ele, por um lado, o Dasein, onticamente, possui o privilégio, em relação aos outros entes, de “em seu ser, isto é, sendo, *estar em jogo* seu próprio ser” (Heidegger, 1927/1998, p.38). Em outras palavras, podemos dizer que tal ente é determinado em seu ser pela existência. A esse caráter Heidegger chama “primado ôntico” (*ontisch Vorrang*). Já, sobre o primado ontológico (*ontologische Vorrang*), o autor nos afirma que o Dasein estabelece uma “relação originária de ser com o ser” (Heidegger, 1927/1998, p.38). Ou seja, pertence à essência do Dasein uma compreensão (pré) ontológica dos entes: o Dasein é o único

ente capaz de se perguntar a respeito do ser e, assim fazendo, já tem uma compreensão *prévia* sobre o perguntado (daí Heidegger utilizar, também, o termo *pré-ontológico* para o Dasein). O filósofo defende então, que a questão sobre do sentido do ser (*Seinsfrage*) tenha uma espécie de guia ou fio condutor: a analítica do Dasein¹¹.

Tal analítica, portanto, deve nos fornecer o primeiro passo para a colocação da questão do ser. A partir do acesso e interpretação, o ente deve se mostrar “em si mesmo” e “por si mesmo”. Para tal, devemos questionar o Dasein na sua cotidianidade mediana (*durchschnittlichen Alltäglichkeit*), ou seja, como ele é, antes de tudo, e na maior parte das vezes (*zunächst und zumeist*). Deste modo, a analítica apresenta, sobretudo, uma *ontologia provisória da presença* (já que ainda não se tem a questão do ser elucidada), a fim de, justamente, guiar a questão do ser.

Já no campo da Daseinsanálise, as coisas ocorreriam de maneira diferente. Distintamente da analítica do Dasein, a Daseinsanálise é uma análise empírico-fenomenológica, que estuda o *Dasein factual* (*faktische Dasein*). Para Binswanger (1956/1977), a lógica é esta: o Daseinsanalista ao deparar-se com o Dasein factual de um “doente” deveria utilizar a estrutura fundamental do ser-no-mundo, descrita por Heidegger como uma espécie de “pano de fundo”, a partir do qual poderíamos fazer *anúncios ônticos*, ou seja, constatações efetivas sobre as formas e as estruturas desse Dasein que ocorre factualmente.

Ao contrário de Heidegger, Binswanger não almeja outras coisas que não dizem respeito ao ser-homem. Por isso, é correto dizer que o psiquiatra faz uma *antropologia*, enquanto o filósofo faz uma *ontologia* (ou uma ontologia fundamental, termo que o filósofo, provavelmente, preferia).

Do ponto de vista epistemológico, Binswanger (1957) é categórico ao afirmar que a Analítica do Dasein é, sem dúvidas, essencial para a Daseinsanálise. Contudo, devemos entender que a primeira deveria servir tão somente como uma *ferramenta* ou uma planta baixa, a partir da qual o edifício da Daseinsanálise pudesse ser construído. Apresenta, assim, método e estrutura científica com “novos impulsos”, já distintos daqueles de Heidegger.

Neste ponto, acreditamos serem proveitosas duas observações de caráter epistemológico sobre a distinção binswangeriana tratada neste tópico. Em primeiro lugar, Binswanger tem razão, quando diz que a Daseinsanálise é ôntica e a analítica do

¹¹Em Heidegger, ao contrário de Binswanger, em que a forma Daseinsanalytik é predominante, podemos também encontrar, como é o caso dos primeiros capítulos de *Sein und Zeit*, a forma *Analytik des Daseins*.

Dasein é ontológica. Também está certo quando fala que a primeira só pode ser originada *a partir* da segunda. Porém, acreditamos que Binswanger se apropria inadequadamente do termo *Daseinsanálise*.

Esse conceito é, na realidade, anterior à sistematização de Binswanger. Heidegger (já no *Sein und Zeit*) lança mão desse termo¹² antes de o psiquiatra o fazer. Para Heidegger (1987/2009, p.154), esse vocábulo se refere, tão somente, ao “executar da apresentação das características do Dasein tornadas tema na analítica do Dasein, as quais chamam-se existenciais¹³, uma vez que o Dasein é determinado como algo existente”. Então, por “Daseinsanálise” deve ser entendida, simplesmente, a explicitação dos *existenciais (existenzialien)* que a analítica do Dasein tematiza. Heidegger (1987/2009, p.154, grifo nosso) é categórico ao dizer que não se trata de uma “comprovação e descrição de fenômenos que se mostram *factualmente, em cada caso, em um determinado Dasein existente*”. Assim, Binswanger se utiliza do termo “Daseinsanálise” de maneira inapropriada. Primeiramente, por se valer de um conceito já criado para nomear sua “ciência”. Em segundo lugar, por não ser fiel à filosofia de Heidegger, no tocante à distinção e a relação entre Daseinsanálise e analítica do Dasein.

Outra observação importante sobre esse aspecto diz respeito à crítica que Heidegger (1987/2009) faz a Binswanger nos Seminários de Zollikon. É certo que nessa obra, Heidegger se endereça de forma crítica ao seu “discípulo”, porém, acreditamos que uma crítica, de certo modo, é a preponderante: Heidegger (1987/2009, p. 227) ataca Binswanger, afirmando que a sua Daseinsanálise (a qual ele chama de “Daseinsanálise Psiquiátrica”) trabalha com um “*Dasein* mutilado”. Heidegger nos diz que Binswanger esqueceu, justamente, a característica mais essencial do Dasein: *a clareira (Lichtung) do aí (da)*, a relação originária do Dasein com o ser. Binswanger teria esquecido, portanto, *a própria existência*¹⁴.

Até aí, acreditamos que a crítica de Heidegger parece estar justa: o Dasein de Binswanger, realmente, não parece privilegiar tais aspectos. Contudo, Heidegger

¹²Utilizando, primeiramente, o termo “*Analyse des Daseins*” e não “*Daseinsanalyse*”.

¹³Importante mencionar que Binswanger (1956/1977, p.188, grifo nosso) acreditava que os existenciais permitiriam ao psiquiatra “investigar e descrever as formas mórbidas a serem investigadas e descritas por ele como modificações fáticas dessa estrutura apriórica”.

¹⁴ Em outro trabalho, Heidegger (1949/2010, p.24) nos fala que “o estar postado na clareira do ser é o que eu chamo a ex-sistência do homem”, se referindo, mais adiante, ao homem como “pastor do ser” (Heidegger, 1949/2010, p.51).

(1987/2009) segue sua crítica¹⁵, afirmando que Binswanger reinterpreta o *Sein und Zeit* como se fosse uma antropologia. Em poucas palavras, Heidegger (1987/2009, p.244) faz a acusação de que “Binswanger interpretou o ontológico de maneira ôntica”.

Essa crítica tem validade somente em uma parte da obra do psiquiatra. Depois das críticas de Heidegger, Binswanger criou a importante distinção abordada e amenizou esse problema com a mencionada defesa de reivindicar para si um solo ôntico, enquanto o filósofo ficaria com o ontológico^{16,17}.

Concepção de “patologia” na Daseinsanálise Binswangeriana

Para abordar este tema é necessário, de início, que compreendamos adequadamente o conceito de *existência malograda* (*missglückten Daseins*). Malogro, então, são formas do estar-lançando (*Geworfenheit*) fático, nas quais o *Dasein*, que é “possibilidade de ser livre para seu mais próprio saber-e-poder-ser” (Heidegger, como citado em Binswanger, 1956/1977, p.10), continuamente *abdica* das possibilidades do seu poder-ser, extraviando-se e equivocando-se a respeito de si mesmo. Quando isso ocorre, podemos dizer que “sua [do *Dasein*] autêntica movimentação (*Bewegtheit*) histórica pode vir a se ‘paralisar’ ou ‘chegar ao fim’” (Binswanger, 1956/1977, p.10)¹⁸. Aqui o mundo não significa mais abertura para o ente, como diz Heidegger, mas “ao contrário, significa fechamento ou impasse” (Binswanger, 1958/1999e, p. 151).

De início, é necessário se ter em mente que o malogro não é algo que esteja abaixo (que seja inferior) de um modo de existência não malogrado. Binswanger (1956/1977) considera as formas de malogro como *ameaças existenciais*, inerentes à

¹⁵ E aqui se inclui a famosa crítica de Heidegger sobre o “amor”, conceito de Binswanger que “complementaria” o “cuidado” (*Sorge*), o que mostraria a falta de entendimento, por parte do psiquiatra, do caráter ontológico do *Sein und Zeit*.

¹⁶ Um fragmento interessante pode servir para ilustrar a tentativa de Binswanger (1970, p.93, grifo do autor, tradução nossa) de se defender de tais acusações: “Eu sempre [esse ‘sempre’ parece contradizer a próxima nota] destaquei que as intenções de Heidegger foram de todo modo diferentes das nossas. No *Sein und Zeit*, trata-se, para enfatizar mais uma vez, de pôr, de uma maneira nova, a questão do sentido do ser e de despertar de maneira nova a questão do sentido do ser e de despertar de maneira nova uma compreensão para o sentido dessa questão. Mas para *isso* é necessária uma ‘explicação conforme que precede uma explicação do ente que questiona, portanto, do *Dasein* relativamente ao seu ser”.

¹⁷ Sobre o seu equívoco, Binswanger (1958/1999e, p.156, tradução nossa), em um texto de 1935, afirma “É necessário que notemos que, durante muito tempo, nós não consideramos suficientemente as intenções de Heidegger no seu significado ontológico em favor de uma antropologia filosófica. Esse desacordo, produtivo, apesar de tudo, domina ainda nos escritos sobre: *Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins* [principal texto de Binswanger criticado nos ‘Seminários de Zollikon’]”.

¹⁸ Aqui podemos notar, claramente, o que Binswanger chama de “fundo existencial-ontológico”, tomado a partir de Heidegger para suas investigações ônticas.

condição humana¹⁹. Deste modo, quando passamos do saber psiquiátrico tradicional para a Daseinsanálise, as formas de malogro saem do *status* de sintoma para serem compreendidos como “peculiaridades humanas universais [...]”. Em outras palavras, elas não escapam mais à estrutura fundamental do ser-homem como algo de *alheio* a ele ou dele *alienado* (alienus, aliéné)” (Binswanger, 1956/1977, p.107)²⁰.

Neste ponto, o leitor pode se perguntar: “se a fronteira entre normal e patológico é tão apagada como Binswanger está propondo, como é possível a existência de uma ciência da esquizofrenia ou da mania aos moldes existências propostos?”. Binswanger (1922/1999c) não nega que é preciso “tomar emprestado” os conceitos da psicopatologia clássica como uma espécie de *ponto de partida* para, então, descrevê-los existencialmente. Somente assim seria possível destacar a experiência do doente em contraste com a “experiência natural” (aquela das pessoas ditas “normais”), a fim de analisarmos²¹ a estrutura existencial de um Dasein fático esquizofrênico, por exemplo (Binswanger, 1965/1993)²².

A esquizofrenia ou a esquizoidia, por exemplo, seriam apenas “modos particulares de seu malogro”, restritas ao campo da psiquiatria. A tarefa do Daseinsanalista seria a de descrever como o malogro ocorre na doença mental, mas sem se esquecer da *universalidade do malogro*. Assim, Binswanger, do ponto de vista epistemológico, faz uma viragem muito importante. A doença mental não está mais relacionada a um plano *quantitativo* (dizendo respeito à ausência ou ao excesso de algo), mas sim *qualitativo* – dizendo respeito, agora, ao modo (diferente, mas não inferior) *como* o malogro ocorre em certo quadro, mas sempre tendo em mente a referida universalidade (Binswanger, 1960/2011)²¹ O autor conclui, então, que, com a Daseinsanálise, as doenças mentais “se tornam mais próximas humanamente de nós” (Binswanger, 1956/1977, p.107).

¹⁹ Aqui, é proveitoso lembrar Heidegger (1927/1998), quando este afirma (e deixemos, aqui, claro que não estamos afirmando que o conceito de malogro é equivalente ao conceito de de-cadência de Heidegger, mas, tão somente, desejamos “pincelar” uma semelhança interessante) que a de-cadência (*Verfallen*) “não exprime qualquer avaliação negativa” (p.236, grifo do autor) e que “em sua constituição ontológica, a pre-sença [*Dasein*] é e está na ‘não verdade’ porque é, em sua essência, decadente”, ou seja, “fechamento e encobrimento pertencem a *facticidade* da pre-sença” (Heidegger, 1927/1998, p.290, grifo do autor).

²⁰ Por sinal, dos inúmeros casos citados por Binswanger (1977) para ilustrar as formas de existências malogradas, vários são de pessoas “normais”.

²¹ Importante salientar que Binswanger (1958/1999d) tem a compreensão de que o termo *análise* não tem um caráter de uma simples decomposição para um posterior estudo (como nas ciências naturais). Analisar aqui não é contraditório com abordar o ser do homem em sua totalidade. Devemos, nesse tipo de análise, cuidar para que cada parte destacada não se “liberte” das outras. Todas as partes devem permanecer *interdependentes*.

²² Texto, segundo Pita e Moreira (2013), pertencentes à fase tardia do pensamento de Binswanger.

Considerações finais

É certo que Binswanger foi um dos autores pioneiros dentre as tentativas de se fazer uma “psicopatologia” de cunho fenomenológico. Tal pioneirismo, como é de se esperar, não lhe favoreceu tanto, no tocante a sua fundamentação epistemológica. As críticas surgidas nos Seminários de Zollikon e a Daseinsanálise de Boss ainda aparecem, para alguns, como grandes fantasmas que “anulariam” toda (ou grande parte) a validade do pensamento binswangeriano, impedindo, assim, qualquer tentativa epistemologicamente fundada de trabalharmos com esse autor.

Contudo, nossa crença é de outra ordem. Admitimos, como já explicitamos anteriormente, que existem problemas de fundamentação na obra do psiquiatra. Todavia, como vimos, há vários outros pontos em que Binswanger foi deveras feliz e estes, sem dúvida, merecem ser levados em consideração por aqueles que desejam atingir uma compreensão fenomenológica da Psicopatologia. Portanto, cabe a todos os profissionais que trabalham com saúde mental saberem enxergar o que há de válido nos “psicopatologistas” fenomenólogos e buscarem soluções para os problemas que possam surgir.

Em tempos de escamoteamento do Homem em prol de sintomas e diagnósticos, é certo que a Fenomenologia tem muito a acrescentar aos saberes relacionados ao homem doente. Ter uma psicopatologia fenomenológica bem fundamentada do ponto de vista fenomenológico e, sobretudo, humana, é algo com que toda a sociedade se beneficiaria.

Referências

- Beauchesne, H. (1989). *História da Psicopatologia*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1986).
- Binswanger, L. (1957). *Schizophrenie*. Tübingen, Alemanha: Neske.
- Binswanger, L. (1970). *Discours, parcours et Freud*. Paris, França: Éditions Gallimard.
- Binswanger, L. (1977). *Três Formas da Existência Malograda: Extravagância, Excentricidade e Amanejamento*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores. (Original publicado em 1956).
- Binswanger, L. (1988). *Le Cas Suzanne Urban*. Brionne, França: Gérard Monfort. (Original publicado em 1953).
- Binswanger, L. (1993). *Délire*. Grenoble, França: Jérôme Millon. (Original publicado em 1965).
- Binswanger, L. (1999a). Introduction. In L. Binswanger (Org). *Introduction à L'Analyse Existentielle* (p. 39-47). Paris, França: Les Éditions de Minuit. (Original publicado em 1955).
- Binswanger, L. (1999b). Fonction vitale et histoire intérieure de la vie. In L. Binswanger (Org). *Introduction à L'Analyse Existentielle*. (p. 49-77). Paris, França: Les Éditions de Minuit. (Original publicado em 1924).
- Binswanger, L. (1999c). De la Phénoménologie. In L. Binswanger (Org). *Introduction à L'Analyse Existentielle*. (p. 79-117). Paris, França: Les Éditions de Minuit. (Original Publicado em 1922).
- Binswanger, L. (1999d). Importance et signification de l'analytique existentielle de Martin Heidegger por l'accension de la psychiatrie à la compréhension d'elle même. In L. Binswanger (Org). *Introduction à L'Analyse Existentielle*. (p. 247-263). Paris, França: Les Éditions de Minuit. (Original publicado em 1958).
- Binswanger, L. (1999e). Analyse existentielle et psychothérapie. In L. Binswanger (Org). *Introduction à L'Analyse Existentielle*. (p. 149-157). Paris, França: Les Éditions de Minuit. (Original publicado em 1958).
- Binswanger, L. (2011). *Mélancolie et manie*. Paris, França: Presses Universitaires de France. (Original publicado em 1960).
- Heidegger, M. (1998). *Ser e Tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1927).
- Heidegger, M. (2009). *Seminários de Zollikon*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1987).

- Heidegger, M. (2010). *Carta sobre o Humanismo*. São Paulo, SP: Centauro. (Original publicado em 1949)
- Husserl, E. (1996). *Investigações Lógicas: sexta investigação*. (Coleção Os Pensadores). São Paulo, SP: Abril Cultural. (Original publicado em 1901).
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*. São Paulo, SP: Ideias e Letras. (Original publicado em 1913).
- Pita, J. & Moreira, V. (2013). As fases do pensamento fenomenológico de Ludwig Binswanger. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 679-687.